

3/934
Invicta
ciné

ANO XII



NANCY CARROL

SEMANARIO ILUSTRADO
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO
1 ESC.

Por motivos alheios à
nossa vontade, **INVICTA**
CINE, suspende tem-
porariamente a sua
publicação.



INICTA CINE

Semanário Ilustrado de Cinematografia
Redacção (provisoriamente Rua Bela da Fontinha, 14-A)

PORTO

N.º 227

19 de Março de 1934

Ano XII

Director proprietário — ROBERTO LINO

Editor — João Soutinho de Oliveira

Composto e impresso na Tip. da Cooperativa do
Povo Portuense, Rua de Camões, 570-PORTO

MAIS UM ANO

É tam turvo o ambiente do cinema, quando a «Invicta-Cine» completa o seu décimo primeiro ano de existência, que cansados como caminheiros extenuados da viagem, na ância de encontrarem a capela do santo milagreiro, que cura dôres morais e físicas, apetece-nos pousar o bordão, sacudirmos o pó da caminhada e procurar sombra de copa frondosa em que descansemos o corpo alquebrado.

Quási como os peregrinos antigos, que de S. Roque tomavam o exemplo, eis-nos chegados ao fim de mais uma jornada.

E para quê? O que temos lucrado? Quem nos tem ouvido? Ninguém. Apetecia tomar o tal bordão de peregrino, manejá-lo como cajado, arrimá-lo às costas de quejandos, e gritar-lhes:

— Cobardes e vendilhões... Sim, foi a cobardia, foi a ância do muito lucro, foi a miragem do dinheiro que estatelou miseravelmente o cinema. Primeiro, numa maneira grotésca de lutar contra a crise que avassalando a vida económica, se reflectia em tudo. Depois, na transigência que se fez com a vontade do público.

E êste público, o primeiro que encheu os cinemas, era a massa anónima de curiosos, de analfabetos, aquêles que procuram o espectáculo mais barato, e conseqüentemente, o público menos culto e menos intelectual. O outro, o ilustrado, o intelectual, ficou no primeiro decénio dêste século, fiel ao teatro que então prosperava, que hoje morre, porque é revisteiro, privado da piada política que deliciava o público cretinescamente. Podem vir dizer nos que o cinema não tem alma, que é a reprodução mecânica de fantasmas; o teatro contemporâneo português é um tablado de «marionettes» sem características ráticas, capazes de criar ao povo sentimentos alevantados ou alimentar-lhes um fogo-fátuo patriótico.

Que queremos, que esperamos da «débacle»?

Nada, simplesmente a ruína. Como as rãs, pedimos ao onnipotente um rei e veio um madeiro, o cinema sonoro, tornamos a pedir e veio a hidra, a crise.

Estamos sendo tremendamente devorados na alimentação constante daquela; não procuramos remédio, não curamos de antídoto. Atamos as mãos na cabeça e esperamos a nossa vez de sermos comidos.

Alugadores e exibidores degladiam-se numa luta de interêsses. Já não há palavra, nem contratos, nem publicidades feitas, nem épocas, nem critério, nem juízo, nem senso, nem cinema; havia negócio, exploração, sanha de tirarem a pele uns aos outros; ficou actualmente o cáus, ninguém se entende, ninguém pode afiançar que êste é o seu programa ou que este programa está marcado àquêle exhibidor.

Na imprensa cinematográfica a orientação não existe. Lavra o mercantilismo, o encôsto, a venda da pena a interêsses de terceiros. A imprensa não é o órgão independente defensor do cinema; é o órgão que é obrigado a viver louvaminhando os filmes de A ou B, para que êstes, não cortem a publicidade, o bônus, as entradas, os mil e um impecilhos que deturpam as ideias, que reduzem a zero os ideais com que todos começamos, nós, rapazes, esperançados em melhores dias, na criação de uma arte respeitável com a sua técnica, a sua arte prôpriamente dita, os seus fenómenos, as suas leis.

Matam-nos as ideias, amarrotam-nos como papeis, temos de curvar-nos ao seu comércio, para vivermos nos darmos ao luxo de termos uma tribuna, donde, se não podemos dizer tôda a verdade, nos entretemos com a Bibok, a Marília, ou a Fernanda em lamechices cinéfilas, ou em questiunculadas que não acabam em duelo.

Ah, que se não fôsse o sufocarem-nos, os comerciantes, o que não diriam todos, todos êsses camaradas que no cinema buscaram um ideal?

A vós todos, queridos camaradas, saúda no seu 11.º aniversário a carcomida «Invicta» e creiam-nos que esperamos sempre melhores dias para uma ressurreição do nosso credo.

Mas o panorama presente é tam árido, tam triste, tam desolador que, cansados, esperamos cheios de fé numa nova renascença, numa modificação inteira do «facies» do mundo que nos permita ir mais além, numa finalidade legítima e ainda não alcançada.

Para vós todos leitores, amigos e anunciantes, um abraço da que há-de singrar contra tôdas as procelas.

O desporto e o cinema

Não temos a errônea pretensão, ao iniciar este artigo, de ir meter foice em seara alheia. Apenas relacionar o cinema com a prática do desporto, dizer do que temos visto em documentários, que o écran nos tem patenteado, desejar para Portugal o mesmo, que evidenciará uma cultura ainda não atingida, nem sequer tentada.

Refere-se a imprensa com lacrimogêneos artigos ao «desastre» de Madrid, á «pés-sima» actuação da equipe representativa portuguesa em futebol.

Recordemo-nos do que temos visto lá fóra; paradas deslumbrantes, cheias de ritmo, de vigôr, de mocidade; demonstrações de vitalidade, espéctaculos belos que até são primorosos de côr. Em Portugal, nada se tem feito daquilo que vemos lá fóra, até na Judea. Não há preparação suficiente para crear homens sãos e válidos, atletas, no rigôr do termo. O cinema como escola de propagação e ensinamento do desporto, não tem sido empregado, não se tem cuidado da educação física, regulamentado o seu exercício, cuja prática, tanto conduz á perfeição, como ao aniquilamento.

O nosso país com grande imprensa desportiva, não nos parece ter seguido sempre com atenção os conselhos dos jornais e revistas da especialidade, se bem que, como na cinematográfica, se encontre fracionada em facções, mercê da eterna mania do clubismo, do bairrismo, etc., enfim do terrível «grupinho» sempre embaraçoso para quaisquer iniciativas. Se assim não fôsse, muito se teria conseguido; os meios para perfeitas finalidades, seriam a propagação quer da imprensa, quer do cinema, e as leis.

Pelo cinema, poder-se-hia obter e documentar as fases que devem presidir á formação consciente dum verdadeiro atleta; demonstrar a necessidade do exercício rítmico, os vícios e as correções de determinados exercícios, de forma que a ginástica não fôsse, como é no nosso País, um exercício para cansaço dos músculos, quando os devia tornar próprios para o trabalho diário. Nenhuma outra forma de propagação seria melhor que o cinema, capaz de demonstrar a acção prejudicial do desenvolvimento muscular, com prejuízo do sistema nervoso e aparelho circulatório; poder-se-hia aplicar á demonstração do valôr total duma ginástica saudável, quando praticada com regra e calma.

Afoitamente nos atrevemos a dizer que não há atletas em Portugal; há umas creaturas, praticando um desporto, intitulado-se dessa forma, pomposamente. Não há cultura física cuidada, que sômente se pratica nas escolas oficiais secundárias e liceus, duma forma deficiente e mesquinha. O autor d'este artigo, quando aluno do liceu, fez ginástica com mais 25 a 30 colégas em salas sem condições, com uma só porta e janela e com uma capacidade de 60 m.³ aproximadamente. O estrangeiro patentéa-nos esplêndidos ginásios, ao livre ou cobertos, para crianças e para adultos. A mulher tem invadido todos os ramos desportivos, tornando-se competidora notável do homem, capaz nalguns desportos de lhe roubar as aureolas de az, que até agora gosava.

Quando, após a grande derrota que a Espanha acaba de infligir ao grupo nacional de futebol, nós vemos o tom lacrimajante das noticias e o aspecto compungido dos tais «atletas», apetece-nos perguntar o que é o desporto em Portugal, comparativamente com o progresso dos outros países, que o cinema assinala.

Quando se realiza uma competição desta natureza, devia notar-se antecipadamente os tristes resultados que vêm para o País dum tam tremendo «desastre». O rádio, a imprensa, o cinema propagandearão por todo o universo o nome do país que acaba de sofrer uma das maiores derrotas, em jogos internacionais, que há memória. Uma tal demonstração ecôa mais profundamente que se exportassem o vêlho filme «Frei Bonifácio» e o fizessemos valêr como um alto filme nacional. E tudo isto porquê? Porque, como dissemos, não temos atletas. Temos copiado tudo quanto é mau, do cinema; o bigodinho, as bengalinhas de junco, as sobranceiras estilizadas, os sem cabeça, antes, os sem chapeu; mas nunca conseguimos copiar as demonstrações de vida e exercício de certos povos, dos espanhóis, dos francêses, dos polacos, dos judeus, dos italianos, dos russos, dos alemães, de todos quantos sentem a necessidade da mudança de processos, para existência da civilização da vêlha Europa.

O écran tem patenteado tudo isto, todos os grandes progressos dos povos. Mas, vai-se ao cinema simplesmente pelo espéctaculo, para admirar o cenário do filme tal, a belêsa da artista A ou do galã B. Não se procurou fazer do cinema, uma escola de ensinamentos, perdurável, afirmando sólidamente o valôr didático; primeiro, disseram que era escola, mas de crimes, de roubos e cretinices; depois consideraram-o e consideram-o um simples espéctaculo. E o resultado? É que os outros povos avançam, progridem, tiram do cinema, o máximo da cultura que êle pode dar, muito embora êle estacione.

É preciso, em Portugal, começar cuidando de cultura física, mas a sério, profundamente, não em trabalho de rapazes, ávidos de exhibicionismo, mas procurando tirar daí o máximo rendimento. Para isso, é necessária uma propagação intensa e metódica, e está indicado para fazê-la, por todas as razões: o cinema.

Marlène e os seus filmes



Há criaturas de quem o mundo se apossa, que são vítimas da sua popularidade, para as quais os admiradores, aquêles que as tornam semi-deusas, valem mais que dezênas de preconceitos da estafada pragmática social.

Outras, que vivem incógnitas, receando a luz, temendo serem ofuscadas pelo brilho do conjunto, como se nêles não tivessem o seu lugar definido, a sua posição nitidamente marcada.

Quer umas, quer outras, não raras vezes são seres inúteis; contudo, algumas vezes, as primeiras são cegas de vaidades e ócas para o valôr colectivo da sociedade; as segundas deligrantes como formigas, ou acumulando como aquelas, para uso próprio, ou são egoistas, ou trabalhando na finalidade de serem úteis aos outros.

Não sabemos em que grupo devemos incluir as vedêtas e estrêlas do cinema. Julgamos que simultaneamente nos dois; quer num grupo, quer noutra encontram cabimento, capacidade para o desenvolvimento das suas faculdades.

No cinema, uma artista tanto mais vale, quanta mais popularidade gosa.

Antigamente, se eram daquelas que se contratavam a pêso de ouro, faziam à sua volta uma publicidade colossal; e nós dizemos — antigamente — porque hoje, na América, os princípios economistas de Roosevelt, vieram pôr cõbro aos desenfreados salários que as vedêtas recebiam, com que eram contratadas, na ideia americana de criar um quási monopólio cinematográfico, com possibilidades de bom lucro, pela absorção contínua de artistas europeus seduzidos pela visão mirífica do dolar.

Dentre as artistas que mais popularidade gosam, na secção das *vamps*, destaca-se Marlène Diétrich, desencantada em território alemão por Joseph Sternberg.

Mercê do seu talento, natural duma pátria que gosára de auréolas dentro da cinematografia, que entusiasma o mundo, que consolidara o cinema como arte, — embora pese ao presidente perpétuo da Academia do auto — elogio, de Ciências, mas onde figura o grande luminar da literatura — que dera artistas como Brigitte Helm, Conrad Veidt, Emil Jannings e outros, impoz-se definitivamente. Os seus trabalhos fõram anciosamente

esperados pelo mundo; ainda hoje, num colossal período de apatia por assuntos de arte, as suas produções são desejadas.

Mas, esta Marlène, alta, esguia, de que tantos biógrafos se tem ocupado, que actuando em *O Anjo Azul* marcou logo um triunfo, tem tido a dentro do cinema, não por necessidade imperiosa dos seus trabalhos, mas ainda pelo estilo americano, o mesmo tipo de cenários, nos quais cai sempre na lama para levantar-se seguidamente, ora arrastada por um grandê amôr, ora rebocada pela inexplicável cadeia da fatalidade.

Não compreendemos, como sempre em certos cenários, em certa literatura, haja necessidade de aniquilar o valôr da mulher até à sua degradação máxima, para depois a exaltar sob um prisma dúbio.

Marlène é das artistas que mais tem sofrido, desde o primeiro filme, êste modo de vêr; parece ter-se criado para esta artista um filme padrão, pelo qual são nivelados todos os outros. É, em qualquer filme, com qualquer realizador obrigada sempre a uma mediocridade que atinge fõros de terrível.

Utilidade? Não sabemos. Compreende-se que se destrua, quando existe, nêsse facto uma finalidade construtiva, mais ou menos declarada; se essa finalidade é duma alta função social com a qual lucra a colectividade, não deve deixar de destruir-se, mas, quando haja a certeza de que se construirá. Há quem opte pelo princípio, mais comodista de apenas apontar os defeitos e indicar os remédios; nalguns casos, assim pode fazer-se mas a obra resultante é sempre uma obra de remendos.

Com a destruição forçada, da personalidade moral de Marlène através dos seus filmes, a resultante de tal obra sôbre o espírito do público é simplesmente destrutivo; não se logra tirar dali nada de são ou de útil.

Tudo se perde, porque não está o público espectador nas mesmas condições de analista, como quando lê individualmente um livro de Eça de Queiroz, de Zola ou de Flaubert.

Daqui, a inutilidade da queda moral acentuada em todos os filmes de Marlène, que criando um mesmo tipo de cenário cria o mesmo tipo de interpretação, com o que muito pode ser prejudicada a artista e a sua popularidade, razão de sêr fundamental.

NOBODY.



Gustav Fröelich e Charlotte Susa, os interpretes principais de «Catolicismo», o grandioso fono-filme que o RIVOLI exhibe na Semana Santa.

(Distribuição da Coimbra Filmes, L.^{da}).

da vida

cinegráfica

trabalho, o czar, passou pela «caixa» para receber o seu salário e recusou com um gesto digno e cortez os cem francos que lhe estendia o caixa. — São duzentos francos, disse êle.

E fez valer como argumento suprêmo a famosa barba, à qual consagra todos os seus cuidados.

— Em suma, concluiu Henri Ulmann director da produção, ao qual fôram contar o caso, êle pède cem francos pelo trabalho e cem pela barba, Está bem, dêem-lhe os duzentos francos e perguntem por mais algum débito.

A Opera de Paris Pela primeira vez verêmos no écran uma grande reportagem sôbre a Opera de Paris, que atrai todos os anos milhares de turistas estrangeiros e cuja fama no mundo é a melhor garantia de interesse com que o filme será acolhido em todos os países. Toda a vida da Opera dêse do gabinete directorial até à cantina dos maquinistas, passará ao écran. É inútil acrescentar que toda a população da Opera, as dansarinas, corpos de baile, os ateliers de décors, de costura, de conservação, todo o pessoal técnico, a orquestra etc, etc, tem tomado parte activa na edificação dêste filme da sua casa.

O Chevalier O mistério que pairava sôbre «A viuva alegre» está finalmente esclarecido. Sabe-se que Maurice Chevalier é o príncipe Danilo. Quem será a sua partenaire? Muitas vedêtas tem disputado o papel. Segundo numerosas considerações, procura-se uma artista cuja voz mais tenha encantado o público. Pensa-se em Jeanette Mac Donald. «A viuva alegre» anuncia-se dêse já como um filme de sucesso, pois que vai ser interpretado pelos dois artistas que tam aplaudidos fôram em «A parada do amôr».

S. M. Alberto I da Bélgica O rei Alberto tinha honrado com a sua presença, na véspera da sua morte, a apresentação de «Os miseráveis». Foi uma sessão deslumbrante à qual assistiu toda a elite de Bruxêlas. O próprio rei aplaudiu largamente o filme e manifestou o seu contentamento a Raymund Bernard, Harry Baur e Charles Vanel idos expressamente de Paris.

Foi o último gésto oficial do grande soberano que o mundo inteiro recorda com saüidade.

Uma barba Era preciso, para «Fedora», reünir uma figuração russa muito importante e tinha-se nos últimos dias, necessidade extraordinária dum extra capaz de interpretar o papel mudo do czar Nicolau II. Por meio dum anúncio chamou-se ao estúdio um refugiado russo que possuía os traços, a barba, o talhe e a silhueta do infortunado soberano. Contratado para determinado dia, o pseudo-Nicolau II, deixou o seu emprêgo com satisfação do «metteur-en-scène» Louis Gasnier. Mas quando terminado o seu

Até êstes Quando vejamos um cão dormindo ao pé duma porta, num filme, ou um bando de pombas levantar vôo através do écran, para dar ambiente a alguma cena pensam que tudo isto teve o estudio de pedir emprestado por alguns minutos ou alugar para figurar na filmagem; porém estão enganados. Os artistas de pena, pé ou cauda, fazem-se pagar caro em Hollywood; geralmente, muitos dêles, e os domésticos mais ainda, recebem honorários muito maiores que os figurantes que ganham o seu sustento actuando ante a câmara. Em Hollywood existem estabelecimentos que se especializam em proporcionar aos studios tôdas as espécies de animais amestrados dêse elefantes até ratos. Quasi todos os actores tem de ser contratados por dias completos ainda que sejam usados só por minutos. No elenco da cinecomédia «Palooka» figuram bastantes animais que compartem das honras estelares; utilizaram-se neste filme vacas, galinhas, patos, gansos, onze cães, seis cachôrrs, cinco gatos e oito gatinhos, uma cabra e um papagaio tudo amestrado conforme as necessidades do cenário.

Teria sido muito mais económico comprar os patos, a alugá-los; mas os patos de género corrente não tem diante da objectiva boa compostura e é necessário que em «Palooka» êles se comportem com atitudes dignas dum soldado veterano. Um gato não será nunca mais que um gato; mas Hollywood descobriu há tempos que se lucra dinheiro pagando a êstes felinos amestrados, mais do que recorrendo ao antiquado sistema de entretê-los com um pedaço de carne ou peixe pendurado na extremidade dum fio. Esta casta de gatos-actores pagam-se a 15 dólares diários. As cabras abundam, mas os studios só as admitem amestradas,

prêviamente desinfetadas e com a certeza de que não marrarão contra as decorações, se houver discuido do director.

Estrêlas e comêtas Damos nota dos trabalhos que estavam realizando algumas estrêlas no fim da semana última.

Kenee Gadd, muito conhecido nos filmes ingleses desempenhava «Un certain Lady».

Helen Mack, assinou um contrato de cinco anos com a Paramount.

Clark Gable, trabalha ao lado de Jeanette Mac Donald no filme «The Duchess of Dolmonico».

Janet Gaynor é a estrêla do filme Fox «Servant's Entrance».

Harry Langdom casou com Mabel Shel, uma inglesa.

Thelma Todd foi favorecida com o divórcio em Los Angeles, de seu marido Pasquale de Cicco.

Ian Keitte, o vilão do filme de Greta Garbo «Rainha Cristina», casa pela quarta vez, com Juditte Anderson.

Matador A presença do matador mexicano Pepe Ortiz, em Hollywood, deu origem a que a colônia cinematográfica dê conta de que não é só no cinema que se ganham as grandes fortunas. O que ganha um matador de touros, por corrida, segundo Pepe Ortiz, é de 5 a 10.000 dólares, o que dá uma notável receita no fim da temporada. Pepe Ortiz acha-se na capital cinematográfica contratado pela Paramount, a fim de que instrua George Raft na arte do toureiro, do que está necessitado para desempenhar um papel que lhe corresponde em «The Trumpet Blocos».

Cinema russo Entre as últimas produções da cinematografia russa, contam-se «Le Deserteur», «Marionettes» e «Les messieurs Golovleff». Parece tratar-se de filmes que recordam o esplendor da cinematografia muda, que tivemos ocasião de admirar.

Faz-se e fez-se Mlle Natalie Paley que fez as suas primeiras actuações no écran em «L'epervier» sob a direcção de Marcel L'Herbier, acaba de ser contratada por Alexandre Korda para interpretar «Don Juan» ao lado de Douglas Fairbanks.

Caridade O primeiro salário ganho por Richard Arlen Júnior, filho dêste artista, e sòmente de oito meses de idade, pela sua actuação no filme de Charles

R. Rogers, «She made her bed», foi entregue a uma das principais casas de caridade de Los Angeles.

Testemunha Mae West serviu últimamente de testemunha na acusação dum roubo de jóias e diamantes. E' um drama da vida real no qual se vê envolvida, uma vedêta.

Rumba Os admiradores de Sílvia Sidney terão em breve ocasião de apreciar esta querida vedêta dansando uma «rumba de carnaval», facto êste, bastante anormal na compostura que conhecemos a Sidney.

Contratos A Paramount realizou e renovou contratos com os seguintes artistas: Gertrude Michael, Charlie Ruggles, Guy Standing e Mitchell Leisen, êste último um director.

Volta Lee Tracy voltou ao cinema. Edward Sedgwick dirigi-la-á em «I'll Tell the World».

Julien Duvivier embarcou no paquete Paris, para New York. Dali passará ao Canadá, donde são filmados os exteriores de «Maria Chapdelaine».

André Berley embarcou para Hollywood. Será ao lado de Charles Boyer um dos principais interpretes do filme que vai realizar Erik Charrel.



Bebe Daniels vai aparecer-nos, brevemente no filme «Rua 42».

Pobre cachorrão! ♦ ♦ ♦

O boneco é de borracha amarela, já desbotado pelos trambulhões e pelos apêtos. Chia num grunhido doloroso e tristemente cómico. Está a rir, constantemente, sempre a rir, numa obseção, numa doídice.

Dois braços abertos em cruz, do tamanho do corpo atarracado, do seu corpo de cão-abôrto. Uma orelha muito espetada, a ouvir, à espera dum grito, duma assobiadela; a outra encostada, descançando. Os olhos semi-cerrados, piscados, como uns brincalhões.

Duas bochechas vermelhas à custa de zarcão, muito pândegas, muito caricatas, *maquillage* de cêna, de ribalta.

Em cima da secretária da Beatriz, de pé, parece um *clown* que vi há tempos, muito espantado, fazer rir uma grande multidão de espectadores.

Para êste *clown* de borracha amarela, a multidão é a Beatriz e eu. Aquela numa expressão de *mascotte* também; eu neurastenizado, sem rir, aborrecido, cabeceando de tédio.

O cachorrão descórado dá também, como o *clown*, pequenos saltos acrobáticos, caíndo depois em posições muito cómicas, quasi irresistivelmente cómicas, em quanto chia desalmadamente como um carro de aldeia.

Quando lhe puxo pelo fio que lhe prende a coleira e o ponho de pé, à minha frente, à frente de Beatriz, parece que se ri ainda das cambalhotas que acabou de dar e me acha possuído de estupidez, daquela estupidez inocente que faz palmear tôdas as cambalhotas.

Outras vezes dá-me a impressão que pede misericórdia pela sua infelicidade de *bôbo* mal compreendido, sem sucesso, *bôbo* de feira ambulante, parado muito tempo no mesmo sítio, na mesma praça pública.

E eu ao vê-lo assim, tam cheio de ridículo, tam vasio, tenho dó dêle, do pobre cachorrão de borracha amarelada, quasi pâlida.

E o *rictus* de desdem condescendente qte tinha no princípio, quando êle era *clown*, modifica-se em mim para um leve sorriso de piedade, quando êle, o pobre, cada vez mais ridículo, mais vasio, me dá a impressão dum dêses bonecos de borracha, descórados, que passam por nós, por essas ruas movimentadas da cidade...

A Beatriz sorri ainda.

Tem filosofia a sua carêta acriançada, despreocupada.

Há tantos cachôrrs de borracha à volta do seu *eu*!

Há tantos bonecos descórados, aos saltos, em roda de cada passo que ela dá na Vida!...

Pobres bonecos amarelados!

Desgraçados cachorrões de borracha!...



Sem a pretensão de me auto — promover a colaborador assíduo desta simpática e bem redigida revista — mas simplesmente para responder ao remoço, aliás delicado, da ilustre redação, não concordando com a doutrina exposta no meu último artigo cronicando sinteticamente o momento, — aqui estou novamente, e agora em sentido voluntário, para sangrar as minhas derradeiras impressões, — estas porém, colhidas na hora agreste porque passa o cinema no nosso país. E o nosso ilustre Leitão de Barros a fazer inquéritos a respeito — precisamente na hora da agonia? ... Congresso de conceitos através da especialidade que brota a gente d'algo nas Belas Letras. Literatura para o arquivo do «Ilustrado».

O Zenith da malária está em Hollywood, a City-Cine em crise.

Como é então que nós os pigmeus, cada vez mais pigmeus dessa Arte, nos queremos dar a petulâncias, quando não pouco temos demonstrado, numa revelação quasi ridícula, a nossa incompetência?

A «Severa» triunfou mercê dos canones de uma «chance» em que os factores são flagrantes. A partitura inspirada e de boa feição popular e vamos lá... a época, as guitarras e o Fado que é Portugal, quer queiram quer não, os poetas da ala-snobilândia, impôs o filme á simpatia. «A Canção de Lisboa», tem o seu necrologio vastamente feito em todos os estilos na imprensa de Portugal e Brasil, e muito em especial no acolhimento do público. Não, não façam mais daquilo. Procure-se realisar e não irrealisar. E eu não vi o famoso filme, que é todo interpretado por um elenco simpatiquíssimo! Não vi nem precisei vê-lo para o poder discutir. Ouvi a população. Bastou.

De resto, eu sinto, todos nós sentimos — não mintam dizendo o contrário... que o cinema vai baixando embora gradualmente a sua temperatura. Vi ultimamente dois filmes de categoria — Henrique VIII, uma panacea em que se salva o magistral desempenho do seu brilhante protagonista; — tal e qual, é aquilo mesmo, — e Catarina da Rússia, outra panacea a que não chegam as boas intenções do estilizado filho do Douglas, — mas de que sai vencedora no ambiente dos sumptuosos salões de um palácio ou castelo, bem encontrado, a gentilissima protagonista. É pouco. É quasi nada, não chega pelo menos para a estupenda soma que devem ter custado os dois filmes. O internacionalismo paga-os, mas as empresas perdem, e que perdem, revela-o o seu desejo de se trespassarem para o Teatro, são dois já, e dos mais elegantes da capital, que se propõem abrir os seus palcos á sacrificada gente da mais gloriosa das artes, tambem em crise por causas — causas, entre as quais se destaca assustadoramente a Radio. A T. S. F. engarrafa no lar a população na volupia do contacto com as Américas e com as sinfonias e o relógio de Londres!

A «Tobis» a que preside algumas das figuras de mais prestígio no nosso meio intelectual, dizem-me que passa por um mau quarto de hora. Pudera, as despesas são insuperaveis. É preciso um caudal de dinheiro para qualquer escaramuça. Um simples documentário de algumas centenas modestas de filme, custa uma pequena fortuna. A publicidade, que seria um motivo a explorar para auxiliar esforços, alguns bastantes simpáticos e outros patrióticos — não pode.

A crise não deixa participar. Devem por consequência estar agonisantes as acções de quem, como eu, embora modestamente, pretendeu fazer a boa acção de proteger uma indústria de super-civilização. Ficamos *desacionados*, ou vamos ficar, porque o auxilio do Estado não foi o bastante, foi um auxilio mais de carinho... Faltaram as características do compadrio, o *compadrio* que valeu, pelo menos até vêr... ao notável cinzelador portuense que praticou um deslize correcional em prejuizo do bom nome de Portugal no Brasil, como o relata alguns periódicos cariocas e paulistas. Pois é assim, o *compadrio*, poderia ter dado melhor assistência á simpática tentativa da filmagem nacional. E podem ainda tentar e lutar, mas busquem realizadores. Não temos realizadores.

Entretanto, levantemos os braços agradecidos aos céus! O teatro começa a reerguer-se... O cinema ficará, perdõem-me os fanáticos... — em 3.º ou 4.º lugar. Eu, por mim, até lhe dava o 2.º lugar, mas façam, criem a escola.

C A R L O S L E A L .

N. R. — O destino actor Carlos Leal, novamente honra as páginas desta revista com a sua colaboração. Continuamos dizendo o mesmo: não concordamos absolutamente com o seu modo de vêr. Porquê, di-lo-hemos. Carlos Leal é um apaixonado amante da sua arte, quasi tam velha como o mundo; arrouba-se nela, deseja-lhe prosperidades e pensa que o cinema foi um concorrente que morre, revitalizando de novo o teatro. Esquece-se que o teatro tem na sua constituição orgânica a causa da sua crise, da terrível crise, que, como ao cinema, contemporaneamente, concedeu um periodo de letargia. Afim de que os «bem-intencionados» colégas da aspecialidade não nos julguem derrotistas do cinema, como aliás ousariam fazer, contraporemos brevemente as nossas razões, dentro do espirito lhano, cavalheiresco e decente da prosa, com que repetimos nos honrou Carlos Leal, para o qual há sempre livre uma página da velha «Invicta-Cine».

■ ■ Gabi Morlay que filma presentemente «Le Scandale», será a vedêta do próximo filme de Paul Ginner.

■ ■ Fracionam-se grandemente as opiniões da crítica sôbre o valor dos filmes «Catarina da Rússia» e «A vida privada de Henrique VIII», na América.

■ ■ Não teve grande acolhimento em Paris o filme «Tambour battant», versão francesa dum filme alemão; a crítica exalta o valor do filme «O homem invisível».

■ ■ Segundo o «British Motion Picture», o filme «I epy» alcançou um retumbante successo em terras americanas.

S. JOÃO

apresenta

brevemente

C I N E

2

grandiosos
fonofilmes

MÁSCARAS DE CÊRA

Extraordinária visão dum espectáculo de destruição dum museu de figuras de cêra reconstituído depois com sêres humanos.

O TÚNEL

A formidável obra prima do cinema europeu. Um assunto novo e da maior grandeza. O problema da ligação da América à Europa, solucionado por um túnel construído no fundo do mar, a dois mil metros de profundidade! Um espectáculo da mais intensa beleza visual a que não faltam as mais delicadas cênas de amor e os mais tumultuosos episódios da luta, sacrifício e heroísmo.



CATOLICISMO

Uma obra inédita e de palpitante interêsse.
Um fonofilme que nos revela os segrêdos do
Vaticano, com tôda a sua magestade e
deslumbramento.

Uma produção realizada por Erich Wasch-
neck e interpretada por Charlotte Susa e
Gustav Fröelich, é apresentado na

S E M A N A S A N T A no
R I V O L I

pela

COIMBRA FILMES, L.^{DA}



A MELODIA PROÍBIDA

Um fonofilme da «Fox» que se exhibe no RIVOLI,
distribuído pela Companhia Cinematográfica de Portugal

ção; com uma intriga, melhor ou pior forjada, mistu-
rou a vida simples dos ilhéus. Lançou-lhes o veneno
da civilização e até transformou a suave Reri de «Tabu»,
numa vedeta exótica dos palcos parisienses. Com suces-

REGALIAS CONCEDIDAS AOS LEITORES DA INVICTA-CINE

Royal (Lisboa)

BONUS DE 50 %

em todos os lugares nas
matinéés de domingo

Royal (Lisboa)

BONUS DE 50 %

em todos os lugares nas
matinéés de domingo

Olympia (Lisboa)

BONUS DE 45 %

em todos os lugares nas
matinéés de sábados

Olympia (Lisboa)

BONUS DE 45 %

em todos os lugares nas
matinéés de sábados

Palácio (Lisboa)

BONUS DE 50 %

em todos os lugares nas
matinéés de 5.ª feira

Palácio (Lisboa)

BONUS DE 50 %

em todos os lugares nas
matinéés de 5.ª feira

Imperial (Lisboa)

BONUS DE 20 %

nos lugares Plateia e Balcão
na sessão de 4.ª feira

Imperial (Lisboa)

BONUS DE 20 %

nos lugares Plateia e Balcão
na sessão de 4.ª feira

Central Cinema (Lisboa)

BONUS DE 50 %

em todos os lugares na
matinéé de 4.ª feira

Europa (Lisboa)

BONUS DE 20 %

em tôdas as matinées de
domingo em todos os
lugares.

Europa (Lisboa)

BONUS DE 20 %

em tôdas as matinées de
domingo em todos os
lugares.

Chiado Terrasse (Lisboa)

BONUS DE 30 %

em todos os lugares nas
matinéés de 4.ª feira

Chiado Terrasse (Lisboa)

BONUS DE 30 %

em todos os lugares nas
matinéés de 4.ª feira

Lys (Lisboa)

BONUS DE 30 %

no lugar Plateia na matinée
de domingo

Lys (Lisboa)

BONUS DE 30 %

no lugar Plateia na matinée
de domingo

Condes (Lisboa)

BONUS DE 20 %

em tôdas as matinées de ter-
ças, quintas e sábados em
todos os lugares.

Paris (Lisboa)

BONUS DE 50 %

em todos os lugares nas
matinéés de 5.ª feira

Odeon (Lisboa)

BONUS DE 50 %

em tôdas as matinées, exce-
pto às quintas e domingos
em todos os lugares.

Paris (Lisboa)

BONUS DE 30 %

em todos os lugares na ses-
são de 4.ª feira

Cinema Pax Júlia (Beja)

BONUS DE 20 %

em todos os lugares nas
sessões de quinta-feira.

Cinema Pax Júlia (Beja)

BONUS DE 20 %

em todos os lugares nas
sessões de quinta-feira.

poder dos seus deuses aos quais pertenciam inteiramen-
te. O cinema foi aí buscar elementos para a sua actua-

antes de partir. E o seu cantar é tão doloroso que
comove Connie... Kalu está, todavia, surdo às súplicas;
parte, mas para morrer sob o rodado dum automóvel.



**Teatro Casino Fundanense
Fundão**

BONUS DE 20 %

nos lugares Balcão e Plateia e 5 % em Frizas e Camarotes na sessão de quinta-feira.

**Teatro Casino Fundanense
Fundão**

BONUS DE 20 %

nos lugares Balcão e Plateia e 5 % em Frizas e Camarotes na sessão de domingo.

**Teatro Cine Avenida
(S. João da Madeira)**

BONUS DE 30 %

nos lugares Plateia, Balcão e Camarote, na sessão de 5.ª feira

**Teatro Cine Avenida
(S. João da Madeira)**

BONUS DE 30 %

os lugares Plateia, Balcão e no Camarote na matinée domingo

**Cine Teatro Vaz Preto
Castelo Branco**

BONUS DE 20 %

em todos os lugares da plateia na sessão da última quinta-feira de cada mês.

**Cine Teatro Vaz Preto
Castelo Branco**

BONUS DE 20 %

em todos os lugares da plateia na sessão da última quinta-feira de cada mês.

Salão Cinema (Ilhavo)

BONUS DE 25 %

em todos os lugares e em todos os espectáculos

Salão Cinema (Ilhavo)

BONUS DE 25 %

em todos os lugares e em todos os espectáculos

Teatro Club (Mortágua)

BONUS DE 20 %

em todos os lugares e em todas as sessões

Teatro Club (Mortágua)

BONUS DE 20 %

em todos os lugares e em todas as sessões

**Teatro Afonso Sanches
(Vila do Conde)**

BONUS DE 50 %

em todos os lugares e em todos os espectáculos

**Teatro Afonso Sanches
(Vila do Conde)**

BONUS DE 50 %

em todos os lugares e em todos os espectáculos

**Salão Recreio do Povo
(Setúbal)**

BONUS DE 30 %

em todos os lugares na sessão de 4.ª feira

**Salão Recreio do Povo
(Setúbal)**

BONUS DE 30 %

em todos os lugares na sessão de 4.ª feira

**Teatro Avenida
Coimbra**

Bónus de 30 % no lugar plateia na matinée de domingo.

1 ou 8 de Abril de 1934

**Salão Central Eborense
Evora**

BÓNUS: 15 % Balcões
20 % Cadeiras. Válido para o espectáculo de 5.ª feira.
29 de Março de 1934

**Cine Teatro Avenida
Vizeu**

BONUS 20 %

em todas as sessões e em todos os lugares.

**Cine Teatro Avenida
Vizeu**

BONUS 20 %

em todas as sessões e em todos os lugares.

Teatro Aveirense (Aveiro)

BONUS DE 30 %

em todos os lugares, na matinée de domingo

Tivoli (Coimbra)

Bónus de 30 % no lugar 1.ª plateia na matinée de domingo.

1 ou 8 de Abril de 1934.

Teatro Circo (Braga)

BONUS DE 50 %

no lugar plateia, na matinée de 1 de Abril de 1934

Cine Teatro (Cartaxo)

BONUS DE 20 %

em todos os lugares nas sessões de 5.ª feira

**Cine Teatro Viriato
Vizeu**

BONUS DE 20 %

em todas as sessões e em todos os lugares

**Cine Teatro Viriato
Vizeu**

BONUS DE 20 %

em todas as sessões e em todos os lugares

Teatro Circo (Braga)

BONUS DE 50 %

no lugar plateia, na matinée de 8 de Abril de 1934

A MELODIA PROIBIDA

Um fonofilme da «Fox» que se exhibe no RIVOLI, distribuído pela Companhia Cinematográfica de Portugal



Os filmes de ambiente exótico continuam ainda tendo larga preferência e um favorável acolhimento do público. Jámais conseguirão fazer-se esquecer, as magníficas produções com que o sonoro nos brindou de «Tabu», «Sombras brancas», «O Pagão»; decorrendo dentro do encanto paradisíaco das Ilhas de Hawaí que a visão prodigiosa de Van Dyke, lançara perante os olhos extasiados do mundo. Depois destas explorando a África, os realizadores trouxeram daí visões magníficas, riquíssimos «décors» naturais que se lembravam o primitivismo das primeiras eras, também primavam pela cambiante formidável de assuntos que a natureza podia dar.

Pode dizer-se, que em princípio, os filmes exóticos entregaram-se à contemplação da paisagem, dela tiraram o rendimento máximo. Parecia que o encanto natural da flora tropical seduzira os realizadores, os prendera definitivamente, arroubando-os na magnitude natural, na visão do ambiente, fazendo-o fixar pela poderosa vista das câmaras em quilómetros e quilómetros de celeloide. Uma palmeira que se erguia alterosamente ao céu, era motivo para uma filmagem esmerada, na qual se punham o comentário leve das nuvens, extractos brancos como flocos de neve, e o mar sempre vincando a fotografia no seu tom acinzentado, proveniente do azulíneo do Pacífico.

Depois, tendo cessado este encantamento, fôram despertados pela melodia das guitarras hawaianas. Pareciam ser o perfeito comentário duma paisagem edilica, cheia de suavidade e graça. Para condizer, a alma dos hawaianos era limpidá; viviam das suas crenças, no poder dos seus deuses aos quais pertenciam inteiramente. O cinema foi aí buscar elementos para a sua actua-

ção; com uma intriga, melhor ou pior forjada, misturou a vida simples dos ilhéus. Lançou-lhes o veneno da civilização e até transformou a suave Reri de «Tabu», numa vedeta exótica dos palcos parisienses. Com sucesso, sem êxito? Já aqui abordamos o assunto; como quer que fôsse a influência do cinema, foi suficientemente grande para levar o público da grande cidade-luz a procurar compreender esse produto doutro clima e doutra civilização, por entre o gemer dolente das guitarras hawaianas, os seus cantos, que mais parecem duma grande saudade ligando-se à terra, bela na sua exuberância, ao mar embaçalador.

A «Fox» lançou ao público, mais um filme baseado num ambiente quasi idêntico. Chama-se «A Melodia Proibida», interpretado por José Mojica, o artista que mais adoradoras possui, por Conchita Montenegro e Mona Maris. Para que os nossos leitores possam ajuizar do exótico do cenário, pouco vulgar, publicámo-lo resumidamente:

A cerimónia do compromisso matrimonial entre o príncipe Kalu e Tenila, na Ilha do Paraíso, foi interrompida pela chegada de um hiate que trás um grupo de turistas. Quando o hiate entra na baía, Kalu e outros nativos nadam ao seu encontro. Connie, uma das jovens do grupo, interessa-se vivamente por Kalu, quando descobre que este tem um título. Kalu, obrigado, volta a terra. Os turistas vão visitar o governador da ilha que os convida a assistir á cerimónia em que Kalu e Tenila juram fidelidade eterna, entre cenas de grande regosijo. Durante a cerimónia Kalu canta e Connie fica encantada com a sua voz. Á medida que as cerimónias continuam Connie e os seus amigos tomam «Kava», uma bebida nativa, e embriagam-se. Connie demasiado alegre e muito excitada, tira o vestido, e semi-nua junta-se aos nativos nos seus bailes fascinando Kalu. Por fim, extenuada cai ao chão desmaiada. Kalu corre em seu auxilio. Ela lança-lhes os braços em volta do pescoço e beija-o. Depois deste caso Kalu e Tenila zangam-se e Kalu promete que não voltará a olhar jámais, na sua vida, Connie. Pouco depois, esquece a sua promessa, quando Connie o encontra e o faz escutar queixumes. Connie pede-lhe que lhe cante a canção que cantou a Tenila, mas Kalu responde-lhe que essa canção só se pode cantar uma vez á mulher amada.

Nessa mesma noite Kalu conhece Bob Grant, dono dum aristocrático cabaret em S. Francisco. Grant com a ajuda de Connie, trata de persuadir a Kalu que regresse com eles a S. Francisco para cantar no cabaret, mas apesar das suas promessas Kalu nega-se a deixar a sua Tenila. Mais tarde Tenila vai vêr a Connie e pede-lhe que deixe Kalu em paz. Connie não faz caso e pouco depois durante uma tempestade, vai em procura de Kalu, que a vê aproximar-se, e pede-lhe que se vá embora pois o Deus Trono ordenou que não voltem a encontrar-se. Connie ri com os seus mêdos, entra na cova de Kalu onde este toma a jovem nos braços rendido á sua fascinação e beija-a...

Na «Orquidea Negra» um cabaret de S. Francisco onde se reúne a melhor sociedade que aplaude calorosamente a voz maravilhosa de Kalu. Está este, vivamente apaixonado de Connie que espera sempre depois do último número. Uma noite deixa um bilhete dizendo-lhe que se quizer pode ir para casa... Kalu encontra Connie beijando um dos seus convidados... Kalu vendo que é despresado, retira-se, mas o coração manda-o cantar antes de partir. E o seu cantar é tam doloroso que comove Connie... Kalu está, todavia, surdo ás súplicas; parte, mas para morrer sob o rodado dum automóvel.

à margem das estreias

Secção a cargo de PEREIRA DE CASTRO

O cântico dos cânticos

Neste filme, que Marlène Dietrich interpreta, havia uma grande curiosidade: saber qual seria a actuação desta vedêta sôb a direcção de Rouben Mamoulian.

Não ficaram desmerecidos os créditos da vedêta; preferimos as suas actuações sôb as realizações de Sternberg, mas isto não obsta, a que apreciemos convenientemente o humano trabalho de Marlène. Criando situações que são os fulcros principais da produção de Mamoulian, Marlène é duma naturalidade que assombra, que nos arrasta, na precisão da interpretação. Pode mesmo afirmar-se, que o próprio filme, de cenário um tanto embrulhado, forçado às seqüências da realização, repousa em pontos do próprio filme: A perfeição da cena da primeira «pose» como modelo, primeiro sôb o olhar inconsciente, que não para a escultura, do artista, o passeio pela montanha, através dum décor natural, cheio de belêsas de rara belêsa, e finalmente a destruição da estátua, à marretada, com raiva, um ódio terrível ao passado, uma vontade porém de recomeçar. São, para nós estes os apóios da produção de Mamoulian, aquêles, a que deu o máximo de intensidade, que se repetem através do filme em múltiplas evocções, ora em «vozes de consciência», passe o termo, ora na reparação da imagem. Consolida-se a realização com a interpretação; Marlène, e o filme é só ela, compreende o realizador e deixa produzir o seu gênio; as suas cenas de dôr, não são tam incisivas como as dirigidas por Sternberg, mas não perdem o brilho, nem o valôr histriônico; não força a verdade, é harmoniosa no conjunto e põem na máscara, aquilo que as deficiências do diálogo, não lhe deixa dizer ou não pode dizer. Ingenuidade, amor, indiferença, amor, é o ciclo do filme, fases que se repetem com a intensidade crescente do drama do cenário. A realização de Mamoulian é cuidada e feita de molde a que não houvesse crítica à sua personalidade pela actitude directiva de Marlène; presente-se que foi a sua preocupação base, a ponto de não ter dado aos outros intérpretes tanta atenção como à vedêta. A interpretação de Brian Atherne e de Lionel Atwill recentem-se dêste mal; o primeiro foi estouvado na primeira parte, a quando do encontro com o modelo, com géstos que sofrem de falta de justificação; o segundo deu ao seu papel de barão de Merzbach, um tipo de operêta. Alison Skipworth, Hardi Albright e Helen Freeman, secundaram o melhor que puderam e souberam.

O cenário é um pouco inextricável. Ha cenas de difícil seqüência e a abertura só se esclarece definitivamente alguns momentos depois. A fotografia, como quasi sempre a da Paramount, primorosa. Na parte sonora merêce

menção o acompanhamento dalgumas cenas e o comentário doutras. Boas legendas, um tanto de tradução livre. «Um dia no bosque» cultural apreciável e «A carochinha figurada» um interessante desenho animado, formava os complementos do programa.

Esposas de médicos

Um assunto já debatido no mudo, como em «Narcose» que vimos há anos. Esta produção não encerra valôres extraordinários, mas vê-se com relativo agrado. Não tem lances que façam vibrar o espectador, porque o realizador, não soube ou não quiz tirar partido do cenário. Na interpretação destacam-se Warner Baxter, Victor Varconi e Joan Bennett, numa actuação que não merece saliências. O filme foi um esplêndido complemento dum programa, que continha «Deliciosa» de Janet Gaynor.

Ludibriada

Tallulah Bankhead, rival de Greta Garbo e Marlène Dietrich, se assim a consideram em Hollywood é, de facto, ludibriada, pois nem o seu fisico, nem as suas qualidades histriônicas a poderão levar a tam altas culmínâncias, junto das «vamps» universais.

«Ludibriada» é um título de corretissimo português, que condiz magnificamente com acção do cenário. O filme, apresentando um caso dos muitos de inconsciência feminina, recebeu má realização e não foi feliz na interpretação. Esperavamo muito mais de Georges Abbott e enganamo-nos nos calculos. Boa fotografia e boa sonorização. As legendas como sempre, não tomam emenda. O sr. Artur Coelho, da Paramomt, bem se desculpa connôco, com «Cinêma» etc, mas o caso é que nunca dá consêrto ao problema.

Adeus às armas

Julgavamos, que este magnifico filme tenha conservado o título tam idiota que apresenta, por conveniência de divulgação, atendendo ao valôr da obra literária que o fundamenta.

Um filme de Helen Hayes, como «O Pecado de Madelon Claudet» tinha necessariamente de ser uma obra de sensibilidade. Esta artista, que julgamos consagrada pelo écran, tem já um nome que não permite dúvidas sôbre a sua actuação e ainda mais, quando o realizador do filme em que actua, é Frank Borzage. «Adeus às armas» é uma das muitas tragédias da retaguarda do front, daquelas que se perdem no terrível tumultuar das guerras. O filme é uma página de belêsa, das muitas que tem escrito o écran; se o cenário é belo, se a realização é dum mestre, a

interpretação é magnifica, colossalmente humana dentro do grande valôr artístico que representa Helen Hayes. Entregando-se por amor a um homem que conhecera há pouco tempo, tem a imediata noção das responsabilidades que contrairá, como enfermeira, no momento, como mãe, mais tarde. A sua máscara traduz tôdas as dôres, todos os males que caem sôbre ela, como oprôbrio e quasi como castigo; então, Helen Hayes sofre tam verdadeiramente que a artista apaga-se, para ficar simplesmente a mulher. Frank Borzage continua no seu estalão de realizador; sabe escolher as interpretes dos seus filmes e estas trazem-lhe sempre mais um triunfo. A sua realização em «Adeus às armas» não desmerece outras, é segura e o seu nome como realizador dum filme, deve inspirar confiança. Gary Cooper e Adolphe Menjou formam a principal parrelha masculina de interpretes e dêles nada há mais a acrescentar porque são sempre os artistas sôbre os que conhecemos.

Um bom filme, sendo para lastimar que o cenário se arraste um pouco e certo publico se mace.

Os complementos interessantes, mórmente, «Jornal Fox» e «Espelho mágico». O filme «Ray Ventura e a sua orquestra» poderia ter ficado na caixa que se poupava o batuque.

Capturado

Um filme empolgante pelo cenário, pela interpretação e pela realização. O cenário focando a vida dos prisioneiros num campo de concentração é mais uma chicotada aplicada no instinto belicista de certos poderosos povos. Decorrendo num meio ingrato para a realização, prova a deshumanidade das guerras contra as quais se quebram a moral e os principios.

A realização contribuiu para o brilho da produção, quer na precisão com que foi desenvolvido o cenário, quer na sîmula dos pequenos detalhes empregados. O suicidio de Stragine, está bem representado e prestava-se a um largo debate sôbre as causas do acontecimento.

Na interpretação, Leslie Howard foi superior a Douglas Fairbanks Junior pela humanização do entrêcho. Paul Lukas e Margaret Lindsay contribuíram para o brilho da interpretação.

Boa fotografia e sonorização.

V I S A D O
PELA COMISSÃO
DE CENSURA.

PAPELARIA ACADÉMICA

TELEFONE, 5251

Artigos para desenho e escritórios.
Executam-se todos os trabalhos tipográficos.

35, PRAÇA DA BATALHA, 37—PÔRTO



a p r e s e n t a ,
e s t a s e m a n a ,

o famoso tenor
de voz de oiro

José Mojica

no surpreendente fonofilme
da FOX

M E L O D I A

P R O Í B I D A

uma super encantadora,
cheia de romantismo, cuja
acção decorre nos mares do
Sul e em S. Francisco da
Califórnia. Música deliciosa.
Canções enternecedoras.



FILMES CASTELLO

LOPES, S. A. R. L.

apresenta, esta semana, pela primeira
vez em Portugal, no

S. JOÃO CINE

a super-produção musical de grande
espectáculo, falada e cantada em francês

Tudo por amor

com o célebre tenor

JEAN KIEPURA

e o grande cómico

LUCIEN BAROUX

Música lindíssima e as deliciosas canções

“Ninon” e “O Madonna!”

Um concêrto numa grande piscina de Viena.
O ensaio geral da “Aida” na Ópera. Um filme
encantador magistralmente interpretado.